

## A INCLUSÃO DA COMUNIDADE SANTA CLARA NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO: PROPOSTA DE TRABALHO

Maria Giovanna Guedes Farias  
Isa Maria Freire

### Resumo:

A Ciência da Informação desempenha um papel fundamental na sociedade da informação, ao delinear caminhos para a inclusão social através da inclusão informacional. Nesse sentido, apresentamos proposta de trabalho de pesquisa, em desenvolvimento no mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação na Universidade Federal da Paraíba, para intervir no processo de exclusão informacional vivido pela Comunidade Santa Clara em João Pessoa, Paraíba. Essa intervenção se dá por meio de pesquisa de campo para registro, organização e divulgação das "fontes de informação" constituídas por pessoas da Comunidade. Para isso, será produzido um sítio virtual onde será depositado, para acesso livre na Internet, o *tesouro de conhecimentos* das pessoas depositárias da memória social e do saber da Santa Clara, que ficarão disponíveis para as próximas gerações.

### Palavras-chave:

Inclusão social; Responsabilidade social; Inclusão digital; Sociedade da informação.

## THE INCLUSION OF THE COMUNIDADE SANTA CLARA IN THE INFORMATION SOCIETY: PROPOSAL WORK

### Abstract:

The Information Science plays a fundamental role in the information society, devising ways to social inclusion through informational inclusion. Accordingly, we present a research proposal for work in development in the Masters Program of Graduate Studies in Information Science at the Universidade Federal da Paraíba, to intervene in the process of informational exclusion experienced by the Comunidade Santa Clara in the city of João Pessoa, Paraíba. This intervention will occur through field research for registration, organization and dissemination of "information sources" consisted of people of the Comunidade. For that we will produce a website where we are going to place for free on the Internet, the "treasure of knowledge" of persons who form the social memory and knowledge of Santa Clara, which will be available for future generations.

### Keywords:

Social inclusion; Social responsibility; Digital inclusion; Information society

## 1 INTRODUÇÃO

A informação pode assumir o status de mercadoria e se tornar um importante insumo para o desenvolvimento econômico e social nas sociedades contemporâneas. Mas, se a informação é relevante para a produção na sociedade da informação, ela pode também vir a ser um fator excludente, ao intensificar a desigualdade entre classes e aprofundar ainda mais a distância social. Para Bourdieu (1996), o espaço social é constituído de tal modo que, os agentes ou grupos são aí divididos em função de sua posição nas distribuições estatísticas de acordo com os dois princípios de diferenciação que, em sociedades mais desenvolvidas, como os Estados Unidos, o Japão ou a França, são, sem dúvida, os mais eficientes: o capital econômico e o capital cultural.

Segue-se que os agentes têm tanto mais em comum quanto mais próximos estejam nessas duas dimensões, e tanto menos quanto mais distantes estejam delas. As distâncias espaciais no papel equivalem a distâncias sociais (BOURDIEU, 1996, p. 19).

A Ciência da Informação entrou nesse contexto, pois como ressaltam Wersig e Neveling (1975) atualmente, transmitir o conhecimento para aqueles que dele necessitam é uma responsabilidade social, e essa responsabilidade social parece ser o verdadeiro fundamento da Ciência da Informação. É a partir desse conceito que baseamos o trabalho de inclusão da Comunidade Santa Clara, uma comunidade popular urbana localizada na cidade de João Pessoa, na sociedade da informação, uma sociedade que tem na informação seu diferencial e que reacende, nas diferentes esferas governamentais, a discussão acerca da inclusão social através da inclusão digital. O cidadão incluído pode se beneficiar das tecnologias como ferramenta para ter acesso à informação, além de ter a possibilidade de gerar e compartilhar conhecimento. Como resalta De Luca (2004, p. 9):

[...] do ponto de vista de uma comunidade, a inclusão digital significa ampliar as tecnologias a processos que contribuam para o fortalecimento de suas atividades econômicas, de sua capacidade de organização, do nível educacional e da autoestima de seus integrantes, de sua comunicação com outros grupos, de suas entidades e serviços locais e de sua qualidade de vida.

É essa nossa intenção na Comunidade Santa Clara<sup>1</sup>. Com isso visamos revelar o verdadeiro *tesouro de conhecimentos* da CSC através das pessoas depositárias da

---

<sup>1</sup>Que denominaremos também como CSC.

memória social, do saber e da cultura na Comunidade<sup>2</sup>. Para definir o que são “estoques dinâmicos de informação” utilizamos a pesquisa de Pereira e Freire (1998) que apresenta professores da Rede Municipal de Ensino do Rio de Janeiro, como mediadores entre o conhecimento e a informação, sendo o professor um “estoque dinâmico”, uma fonte de informação que se atualiza. No nosso trabalho estes estoques são os cidadãos comuns da CSC.

Ao identificar as “fontes de informação pessoais” da CSC contribuiremos para sua visibilidade e uso, sendo um dos frutos, o presente “estoque de informação estático” e o outro, a organização dessas fontes em um “agregado de informação”. Segundo Barreto (1999), os agregados de informação e conhecimento podem ser pessoas, inscrições de informação (documentos), conjunto de documentos em diferentes formatos, acervos, metodologias, construtos teóricos ou de aplicação prática específica.

As informações dos estoques dinâmicos serão depositadas em um sítio virtual, pois de acordo com González de Gómez (2003, p. 32),

[...] uma pessoa ou grupo pode possuir informações que não conseguem ser passadas ou transmitidas, por que não dispõe de recursos de locução, ou não pode transmitir informações que consegue expressar em forma discursiva por não possuir os meios de inscrição e transmissão.

Esse sítio servirá para disseminar o *tesouro de conhecimentos* da Comunidade e pode contribuir para visibilidade e reconhecimento dessas pessoas/fontes de informação, umas com as outras, em suas próprias comunidades e em espaços diversos. Neste caso, diremos, de acordo com González de Gómez (1996), que no novo contexto tecnológico da informação e da comunicação, ocorre uma alteração nas condições de produção social e de comunicação do conhecimento. Isto resulta em mudanças nas relações entre a informação e o seu usuário. Um hipertexto, enquanto um arcabouço meta informacional pode possibilitar a concretização da relação informação-conhecimento.

Ainda como proposta de trabalho, durante a pesquisa objetivamos identificar a rede social da CSC, pois “a presença na rede ou a ausência dela e a dinâmica de cada rede em relação às outras são fontes cruciais de dominação e transformação de nossa sociedade”

---

<sup>2</sup> O modelo do trabalho já foi experimentado no bairro da Maré, localizado próximo às principais vias expressas da cidade do Rio de Janeiro. Veja em Chalaça, Freire, Miranda (2006).

(CASTELLS, 1999, p. 497). Para esse mesmo autor, as redes são estruturas abertas com possibilidade de expansão ilimitada, desde que os novos *nós* compartilhem os mesmos códigos de comunicação. Refere-se, portanto, nas palavras de Acioli (2007), à racionalidade da ordem global, aonde parece não haver a possibilidade de incorporação de outros códigos de comunicação.

### **2 UMA QUESTÃO PERMANENTE: inclusão e exclusão social**

Na sociedade da informação, o homem utiliza as tecnologias para apropriar-se da informação, que passa a ser à base de todas as transformações, tanto no seu modo de vida como na sociedade da qual faz parte. Essa sociedade parece trazer em sua essência, além de informação, os ideários de novos tempos, com políticas econômicas e sociais igualitárias, e o direito de acesso à informação garantido a todos sem distinção. Contrário a esse pensamento cresce igualmente, na mesma proporção, um abismo social, com discrepâncias ainda maiores entre as nações, e dentro delas, entre os povos de diferentes classes sociais<sup>3</sup>.

Como há diversos conceitos de informação, contextualizamos teoricamente essa pesquisa com base nos conceitos de Barreto (1996), uma vez que os moradores da Comunidade Santa Clara serão apresentados como “agentes de informação”. A informação constitui-se para Barreto (1996) como estruturas significantes com a competência de gerar conhecimento no indivíduo, em seu grupo ou na sociedade.

As estruturas, as quais Barreto (1994) se refere, são armazenadas em estoques de informação, que necessitam de uma ação de comunicação consentida, na medida em que apenas reúnem, selecionam, codificam, reduzem e classificam informação que pode, ou não, se transformar em conhecimento. Como explica o autor,

[...] a informação, quando adequadamente assimilada, produz conhecimento, modifica o estoque mental de informações do indivíduo e traz benefícios ao seu desenvolvimento e ao desenvolvimento da sociedade em que ele vive (BARRETO, 1994, p. 3).

---

<sup>3</sup> Ianni, 1999 apud NASCIMENTO, 2009.

Já para Araújo (1994 apud FREIRE, 2001, p. 106), a informação é,

a mais poderosa força de transformação do homem [o] poder da informação, aliado aos modernos meios de comunicação de massa, capacidade ilimitada de transformar culturalmente o homem, a sociedade e própria humanidade como um todo.

Essa transformação, citada acima, é confirmada por Castells (1999), quando diz que “[a] nova estrutura social está associada ao surgimento de um novo modo de desenvolvimento, o informacionalismo” (CASTELLS, 1999, p. 51). Ainda segundo o autor, a revolução da tecnologia da informação e a reestruturação do capitalismo introduziram uma nova forma de sociedade, a sociedade em rede, que tem como aspectos importantes a serem considerados “promoção de uma cultura digital e a valorização da identidade local” (GUERREIRO, 2006, p.175). Na visão de Rondelli (2003), é possível que processos formais e informais de acesso ao conhecimento e de aprendizagem se confundam cada vez mais à medida que as mídias digitais se tornem tão naturais quanto a eletricidade de nossas casas. E a inclusão digital significará a ampliação de uma inteligência coletiva em que produtores e consumidores de conhecimento interajam cada vez mais por meio delas e, com isso, a aprendizagem e o trabalho se transferem majoritariamente para o interior deste universo digital cujo dinamismo começamos a vislumbrar.

Hoje, independente da distância física, do idioma falado ou da organização da economia, muitas histórias podem ser reescritas com a ajuda da inclusão, que nas palavras de Sasaki (2005), consiste em adequar os sistemas sociais gerais da sociedade de forma que sejam eliminados os fatores que excluam certas pessoas do seu seio e mantinham afastadas aquelas que eram excluídas. A eliminação de tais fatores deve ser um processo contínuo e com o esforço que a sociedade deve empreender para acolher todas as pessoas sem distinção.

### **3 RESPONSABILIDADE SOCIAL DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

O trabalho em torno do objeto de estudo nessa pesquisa é orientado pela responsabilidade social dos profissionais da informação na sociedade contemporânea, que atuam para contribuir para ampliar a teia mundial da informação, para diminuir a “info-exclusão” e aumentar as possibilidades de livre acesso aos estoques constituídos por informação

pública e difusão das tecnologias digitais (e intelectuais) de informação e comunicação<sup>4</sup>. Para Wersig e Neveling (1975), a área de atividade da Ciência da Informação emergente se define a partir da responsabilidade de facilitar a comunicação de mensagens entre um emissor e um receptor humanos, o que significa dizer que seu objeto de estudo deve pertencer ao universo dos fenômenos da comunicação social, em particular a comunicação de informações com o propósito de promover alterações nas “estruturas de conhecimento” de um receptor de mensagens. O receptor nesse caso é o objeto de estudo, a Comunidade Santa Clara que receberá os benefícios da Ciência da Informação em um trabalho em conjunto com a comunicação da informação.

Conforme explica Freire (2001), o papel do profissional da CI frente às comunidades que experimentam diversas formas de exclusão, e em destaque, aquelas que as privam de várias modalidades de informação, é disseminar a informação ao delinear um caminho para a inclusão na sociedade da informação. Se como diz Castells (1999), a sociedade está hoje cada vez mais articulada em rede, a informação tornou-se a própria urdidura do tecido social, político e econômico, e nesse contexto, o profissional da Ciência da Informação tem diante de si uma responsabilidade social, pois a aurora dos novos tempos globalizados criou situações éticas inevitáveis. Mas se a informação é relevante para a produção da sociedade contemporânea, também pode vir a ser mais um fator excludente ao criar para os cientistas da informação a necessidade de esclarecer a si próprios e aos outros, especialmente os excluídos, as conseqüências de tal exclusão.

Por essa razão o acesso à informação, como explica Quéau (2001, p. 179), torna-se um fator-chave na luta contra a pobreza, a ignorância e a exclusão social,

[...] não se pode deixar apenas nas mãos das forças do mercado o cuidado de regular o acesso aos conteúdos das “autovias da informação”. Pois são esses conteúdos que vão tornar-se o desafio fundamental do desenvolvimento humano nos âmbitos da sociedade da informação. O ciberespaço deve permitir a todos o acesso às informações e aos conhecimentos necessários para a educação e para o desenvolvimento de todos os homens.

Se essas tecnologias não representem uma solução mágica para o complexo problema da desigualdade, sem dúvida “constituem [atualmente] uma das condições fundamentais da integração na vida social” (SORJ, 2003, p.15). E como ressalta Freire (2004a), nesse sentido, as ações de inclusão digital devem ser consideradas relevantes no conjunto de

---

<sup>4</sup>Freire, 2001.

políticas públicas de inclusão social, já que a comunicação da informação representa não somente a circulação de mensagens que contêm conhecimento com determinado valor para a produção de bens e serviços, mas, também, a objetivação das ideias de racionalização e eficiência dominantes na sociedade moderna. Isto, porque, tendo a informação adquirido extrema relevância para a produção social, sua organização e socialização têm, também, adquirido maior importância e valor social.

A ideia central do que acontece agora com a Ciência da Informação é colocada por Freire (2004b) de forma a despertar todos os profissionais da área, quando diz que esse é um momento histórico para cientistas e profissionais da informação trabalharem no sentido de pensar e desenvolver modos e meios para inclusão digital de populações social e economicamente carentes, *pari passu* com ações pela cidadania e inclusão social.

A pesquisa poderá motivar novas pesquisas nesta temática no cotidiano de outras comunidades. Nosso propósito é experimentar um formato de registro, de modo a transformar estes conhecimentos em informação disponível no espaço virtual, onde as futuras gerações poderão ter acesso ao conhecimento que essas pessoas/fontes produziram e facilitar a produção de novos conhecimentos por outros atores sociais.

#### 4 OBJETIVOS

Nesse contexto, é nosso objetivo geral criar, de forma participativa, um sítio virtual de modo a dar visibilidade à Comunidade Santa Clara e possibilitar às futuras gerações acesso ao *tesouro de conhecimentos* das pessoas depositárias da memória social e do saber daquela localidade.

Os caminhos que escolhemos para alcançar este objetivo são:

- a) Identificar as pessoas “fontes de informação”, que compõem a rede social, dentro da Comunidade;
- b) Registrar os estoques dinâmicos de informação das pessoas-chave identificadas como “fontes de informação”;
- c) Construir um protótipo do sítio virtual contendo as informações registradas dos estoques dinâmicos de informação coletados.

Durante a pesquisa de campo na CSC, além da busca pelas pessoas “fontes de informação”, será identificada a rede social da Comunidade Santa Clara, o que ajudará na descoberta de como os atores que compõem essa rede, recebem e disseminam a informação e de que forma há interação no meio social, pois as

[...] redes sociais referem-se a um conjunto de pessoas (ou organizações ou outras entidades sociais) conectadas por relacionamentos sociais, motivados pela amizade e por relações de trabalho ou compartilhamento de informações e, por meio dessas ligações, vão construindo e re-construindo a estrutura social (MARTELETO, 2006, p. 75).

De acordo com Acioli (2007), a noção de *redes/redes sociais* nasce na Antropologia Social. A primeira aproximação remeta à Claude Lévi-Strauss em sua análise etnográfica das estruturas elementares de parentesco (década de 40). Em 1940, Radcliffe-Brown usa o termo "redes". Barnes (1972) preocupava-se com a heterogeneidade dos usos da noção de redes, alertando que a ideia de "redes" pudesse tornar-se mais uma palavra da moda, sem definição clara, nem uso específico. Barnes (1972) e Mitchell (1969) referem-se à necessidade de distinguir o uso metafórico do analítico no que se refere às redes. A ideia que permeia a metáfora de redes é, segundo Barnes (1972), a de indivíduos em sociedade, ligados por laços sociais, os quais podem ser reforçados ou entrarem em conflito entre si. A expressão rede social total cunhada por Radcliffe-Brown na década de 50, pretende caracterizar a estrutura social enquanto uma rede de relações institucionalmente controladas ou definidas. Para Barnes (1972), teria sido Elizabeth Bott (1971) uma das primeiras antropólogas a usar a noção de rede enquanto uma ferramenta de análise dos relacionamentos entre pessoas, seus elos pessoais e entre as organizações do contexto em que se inserem (ACIOLI, 2007).

As redes humanas têm uma ordem e leis diferentes daquelas planejadas e desejadas pelos indivíduos que a compõem. Pelo fato de os seres humanos não estarem tão presos, como outros animais, as determinações biológicas, é que o entrelaçamento das suas atividades dá origem a essas leis e estruturas de um tipo especial. Por essa razão, as redes têm mecanismos automáticos de mudanças e transformações históricas que independem da vontade dos seus componentes tomados isoladamente, mas estas não são caóticas, e sim sociais. (MARTELETO; SILVA, 2004).



No ambiente das redes, o compartilhamento de informação e de conhecimento entre as pessoas é constante, pois as estas frequentemente procuram compartilhar o que sabem:

[...] a disposição em compartilhar e o compartilhamento eficiente de informação entre os atores de uma rede, asseguram ganhos, porque cada participante melhora, valendo-se das informações às quais passam a ter acesso e que poderão reduzir as incertezas e promover o crescimento mútuo (MARTELETO, 2006, p. 76).

Principalmente quando as informações passam a ser coletivas ao emergirem de práticas profissionais e sociais de atores que entram em interação na rede – uma interação que tem:

[...] a capacidade de criar uma cultura própria que se vai desenvolvendo conforme a condução dos líderes que, no caso do consórcio estudado, promovem o compartilhamento da informação, podendo, como consequência, ocorrer à multiplicação da informação e isso incide nas práticas dos atores, transformando-as. Os atores que têm maior número de canais de informação e canais diversificados (provenientes de níveis de atuação e locais distintos) recebem informação de toda a rede. Quanto maior a quantidade de informação que recebem, maiores serão seus poderes de influência na rede, porém como detêm muitos canais de comunicação, aumentam também as possibilidades de serem influenciados (MARTELETO, 2006, p. 89).

A autora ainda ressalta que a centralidade dos atores lhes confere poder; quanto maior o índice de centralidade maior a influência e importância de um ator na rede. Um ator influente pode interferir no compartilhamento da informação, direcionar seu fluxo, controlar as informações veiculadas, disseminando-as e, sobretudo, pode incentivar as interações que intensificam o compartilhamento, a discussão, a reflexão e a construção do conhecimento.

## 5 CAMINHO METODOLÓGICO

Para alcançar os objetivos desta pesquisa adotamos o modelo da pesquisa-ação para maior aproximação entre a pesquisadora e o objeto da pesquisa, bem como para distinguir a posição e as ligações que os atores mantêm em sua estrutura, o que nos permitirá identificar a sua influência nessa esfera. A pesquisa-ação, de acordo com Thiollent (1997, p. 15),

[...] consiste essencialmente em acoplar pesquisa e ação em um processo, no qual os atores implicados participam, junto com os pesquisadores, para chegarem interativamente a elucidar a realidade em que estão inseridos.

Nessa perspectiva, entende-se por “ator”, segundo FREIRE (2006), qualquer grupo de pessoas, que dispõe de certa capacidade de ação coletiva consciente, em um contexto social delimitado e pode designar tanto os grupos informais no meio de uma organização quanto os grupos formalmente constituídos. Já a “participação” é vista como propriedade emergente do processo e não como a *priori*.

Na América Latina, a pesquisa-ação, conforme Thiollent (1997), também foi formulada em termos de “pesquisa participante”, sendo utilizada como instrumento no contexto das populações carentes e dos problemas que as cercavam. No Brasil, esse tipo de pesquisa tem sido pensada e aplicada no contexto das organizações e instituições:

[...] um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 2000, p.14).

Na pesquisa-ação, de acordo com o autor, os pesquisadores desempenham um papel ativo no equacionamento dos problemas encontrados, no acompanhamento e na avaliação das ações desencadeadas em função dos problemas. Cidadãos comuns serão fontes de informação para a pesquisa e coleta de dados, já que na pesquisa-ação, segundo Desroche (1990 apud THIOLLENT, 1997, p. 36), “os atores deixam de ser simplesmente objeto de observação, de explicação ou de interpretação. Eles tornam-se sujeitos e parte integrante da pesquisa, de sua concepção, de seu desenrolar, de sua redação e de seu acompanhamento”.

### 5.1 Campo da Pesquisa

A comunidade popular urbana Santa Clara é o espaço geográfico, econômico, social, político e cultural escolhida como campo de pesquisa, o nosso quadro de referência empírico. Nele habitam as pessoas que guardam o *tesouro de conhecimentos* da Comunidade, suas fontes de informação mais valiosas, que registraremos na perspectiva da informação.

A Santa Clara está localizada nas proximidades da Universidade Federal da Paraíba e sofre de várias formas de exclusão. A comunidade está localizada na zona sul da cidade

de João Pessoa, as margens da Rodovia BR-230, entre os Conjuntos Residenciais Castelo Branco I e II e o Rio Jaguaribe. A Comunidade Santa Clara nasceu antes da construção do conjunto Castelo Branco I em 1967. Por se tratar de área de encostas, com barreiras e trechos de córregos, era considerado um lugar impróprio para moradia, sendo assim, ocupado por moradores das granjas vizinhas com plantações de subsistência e também criações domésticas. Essa área era conhecida como “Beira Molhada”. Formada em uma área de grande depressão e difícil acesso, a Comunidade não oferece uma boa estrutura física aos que lá residem (NASCIMENTO, 2009)<sup>5</sup>. Para ter acesso à localidade há duas opções formadas por ladeiras sem degraus ou qualquer tipo de apoio, o que constitui perigo para os moradores, principalmente para idosos e crianças. De acordo com a diretoria da Associação de Moradores, atualmente há na Comunidade Santa Clara cerca de quatrocentos domicílios mil e oitocentos habitantes.

No espaço físico da Comunidade há uma capela, praça, uma mercearia, um prédio que abriga a associação de moradores e ações do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (Peti). Faltam escolas, posto policial, posto médico, biblioteca, circulação de transportes coletivos para a locomoção dos moradores até seu local de trabalho. Para suprir a necessidade desses serviços, os moradores procuram os bairros Castelo Branco I, II e III, e também utilizam as bibliotecas e área de esporte da Universidade Federal da Paraíba.

Nos grandes centros urbanos vimos surgir a comunidade popular urbana também denominada favela, formada em grande parte por migrações das áreas rurais, de sujeitos desenraizados do campo que se apropriam de espaços para habitar. Segundo Pereira (1978, p.18) “as invasões de terra para habitar revelam a presença de atitudes e aspirações novas entre os setores desprivilegiados da população”. Ao refletir a realidade da Comunidade Santa Clara, que teve crescimento desordenado com uma população formada por pessoas provenientes de cidades do interior da Paraíba e de estados vizinhos, fica claro para nós que, o que autor chama de aspirações é a necessidade que o sujeito tem de ser novamente incluído no processo produtivo.

---

<sup>5</sup> Segundo moradores da comunidade, em 2002 foi construída uma galeria para escoamento da água da chuva e a pavimentação de duas ruas principais da comunidade.

**6 ATUAL FASE DA PESQUISA**

Após a aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética do Hospital Universitário Lauro Wanderley, iniciamos o trabalho de campo com a tentativa de identificar as pessoas-chave e possíveis fontes de informação. Para isso, foi necessário um contato inicial informal, para verificar o grau de informação que eles detêm e sua disponibilidade para compartilhar essa informação. Em seguida, realizamos um segundo contato, mais formalizado.

Por meio de conversas com os moradores e com os representantes da Associação de Moradores da CSC identificamos as pessoas mais antigas e as mais atuantes da Comunidade. Com intuito de obter maior flexibilização do número de pessoas disponíveis e aptas a conceder entrevista e informações significativas para a pesquisa, produzimos uma listagem com um número maior de fontes de informação do que o imaginado. Durante o primeiro contato com o entrevistado explicamos quais os objetivos da pesquisa e o método de realização.

Utilizamos no segundo contato um formulário para a entrevista de prospecção com questões básicas como dados pessoais, ocupação/ofício, formação escolar, tempo de residência na comunidade, disponibilidade de horário. Ao realizarmos a entrevista de prospecção, agendamos a data e local com a fonte de informação escolhida para o próximo encontro, momento onde foi realizada a entrevista. Conforme Thiollent (2000), este momento é importante para envolver o entrevistado, como participante na pesquisa. É também, possível identificar possíveis “ruídos”, barulho externo, luz, dificuldades pessoais dos entrevistados (falar baixo, ser tímido), com isso tanto o entrevistado como o entrevistador sentem-se mais íntimos para iniciar o processo de registro do conhecimento, a entrevista.

Antes da entrevista, foi solicitado aos entrevistados a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido, um documento que, de acordo com Alberti (2005), permite a utilização da entrevista pelo entrevistador, e da possibilidade da divulgação do nome da fonte de informação quando a pesquisa for publicada. Na coleta dos dados, utilizamos diário de campo, formulário de entrevista de prospecção, questionário/roteiro e

pesquisa documental. O questionário teve um roteiro de cunho flexível para fugirmos de perguntas e respostas fechadas, pois essas seriam positivas somente na perspectiva de sua organização estatística.

De posse dos dados coletados, a pesquisa encontra-se agora na fase da transcrição das entrevistas a serem inseridas, depois de editadas, no sítio virtual. Com essa etapa concluída, é nosso objetivo compartilhar o protótipo do sítio virtual com a Comunidade, de modo que os participantes possam apreciar e avaliar o resultado do nosso trabalho, fazendo as intervenções que julguem necessárias para aproximar, o mais possível, o virtual da realidade própria das pessoas na CSC.

Trata-se, pois, de uma intervenção no sentido de dotar uma comunidade do registro dos conhecimentos históricos, técnicos e factuais das pessoas relevantes para essa comunidade, os quais serão registrados como informações armazenadas e disponibilizadas na Internet. A nosso ver, essa ação poderá promover a divulgação dos saberes da CSC de forma inovadora, ao oferecer aos participantes a oportunidade de compor um acervo de memória coletiva mediado por profissional da informação.

Esta seria uma das formas possíveis de mediação junto às comunidades, tanto para ajudá-las a contar e registrar suas variadas histórias quanto para revelar seus *tesouros de conhecimentos*, colaborando para ampliar suas possibilidades de ação no mundo. Com a análise dos dados recolhidos durante o trabalho de campo e a inserção das informações dos participantes no sítio virtual, acreditamos que chegaremos às considerações finais do nosso trabalho.

### REFERÊNCIAS

ACIOLI, S. Redes sociais e teoria social: revendo os fundamentos do conceito. **Informação & Informação**, Londrina, v. 12, n. esp., p. 1-12, 2007.

ALBERTI, V. Fontes orais, histórias dentro da história. In: PINSKY, C. B. (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 155-202

BARNES, J. A. Social networks. **Addison-Wesley Module in Anthropology**, v. 26, p.1-29, 1972.

BARRETO, A. A. A oferta e a demanda da informação: condições técnicas, econômicas e políticas. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 28, n. 2, p. 168-173, 1999.

\_\_\_\_\_.A questão da informação. **São Paulo em Perspectiva**, v. 8, n.4, p. 1-11, out./dez. 1994. Disponível em:< <http://aldoibct.bighost.com.br/quest/quest2.pdf>>. Acesso em: 05 ago. 2009.

\_\_\_\_\_.A eficiência técnica e econômica e a viabilidade de produtos e serviços de informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 25, n. 3, p. 406-414, set./dez. 1996.

BOURDIEU, P. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1996.

**CASTELLS, M.** A sociedade em rede. **São Paulo: Paz e Terra, 1999.** (A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura, v.1).

CHALAÇA, A. M.; FREIRE, I. M.; MIRANDA, M. L. C. de. O tesouro de conhecimento de um bairro chamado Maré: pessoas como fontes de informação. **Encontros Bibli**: revista eletrônica em Ciência da Informação, Florianópolis, n. 24, p. 92-110, jul./dez. 2006.

DE LUCA, C. O que é inclusão digital. In: CRUZ, R. **O que as empresas podem fazer pela inclusão digital**. São Paulo: Instituto Ethos, 2004.

FREIRE, G. H. A. Ciência da informação: temática, histórias e fundamentos. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 11, n.1, p. 6-19, jan./abr. 2006.

\_\_\_\_\_. **Comunicação da informação em redes virtuais de aprendizagem**. Rio de Janeiro, 2004. 175f. Tese. (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004a.

FREIRE, I. M. O desafio da inclusão digital. **Transinformação**, Campinas, v.16, n.2, p.189-194, maio/ago. 2004b.

\_\_\_\_\_. **A responsabilidade social da ciência da informação e/ou O olhar da consciência possível sobre o campo científico**. Rio de Janeiro. 2001. 166f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Escopo e abrangência da Ciência da Informação e a Pós-Graduação na área: anotações para uma reflexão. **Transinformação**, Campinas, v. 15, n. 1, p. 31-43, jan./abr. 2003.

\_\_\_\_\_.Da organização do conhecimento às políticas de informação. **Informare**: cadernos de pós-graduação em Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v.2, n.2, p.58-66, jul./dez. 1996.

GUERREIRO, E. P. **Cidade digital**: infoinclusão social e tecnológica em rede. São Paulo: SENAC, 2006.

MARTELETO, R. M. Redes sociais: posições dos atores no fluxo da informação. **Encontros Bibli**: revista eletrônica em Ciência da Informação, Florianópolis, n. esp., p. 75-91, jan./jun. 2006.

\_\_\_\_\_.;SILVA, A. B. O. S. Redes e capital social: o enfoque da informação para o desenvolvimento local. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 33, n. 3, p. 41-49, set./dez. 2004.

MITCHEL, J. C. The Concept and Use of Social Networks. In: \_\_\_\_\_. **Social networks in urban situations: analyses of personal relationships in central African towns.** Manchester: Manchester University Press, 1969.

NASCIMENTO, D. S. do. **Exclusão informacional x exclusão social: o caso da comunidade Santa Clara.** João Pessoa. 2009. 123f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

**PEREIRA, L. (Org.). Populações marginais. São Paulo: Duas cidades, 1978.**

PEREIRA, A. C.; FREIRE, I. M. Atualização técnico-científica do professor do ensino médio: uma abordagem na Ciência da Informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.3, n.2, 175-185, jul./dez. 1998.

**QUÉAU, P. Cibercultura e info-ética. In: MORIN, E. (Org.). A religação dos saberes: o desafio do século XXI. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.**

RONDELLI, E. **Quatro passos para a inclusão digital.** 2003. Disponível em: <[www.icoletiva.com.br](http://www.icoletiva.com.br)>. Acesso em: 03 set. 2009.

SASSAKI. Inclusão: o paradigma do século 21. **Revista Inclusão**, v.1, n.1, p. 19-23, out. 2005.

SORJ, B. **Brasil@povo.com: a luta contra a desigualdade na sociedade da informação.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar ; Brasília, DF: Unesco, 2003.

THIOLLENT, M. **Pesquisa-ação nas organizações.** São Paulo: Atlas, 1997.

\_\_\_\_\_. **Metodologia da pesquisa-ação.** São Paulo: Cortez, 2000.

WERSIG, G.; NEVELING, U. The phenomena of interest to Information Science. **The Information Scientist**, v. 9, n. 4, p.127-140, 1975.

***María Giovanna Guedes Farias***

Jornalista. Mestranda em Ciência da Informação no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba [giovannaguedes@hotmail.com](mailto:giovannaguedes@hotmail.com)

***Isa Maria Freire***

Doutora em Ciência da Informação. Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba. Editora das revistas Informação & Sociedade: Estudos e Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia. [isa@dciccsa.ufpb.br](mailto:isa@dciccsa.ufpb.br)

**Recebido em: 30/07/2009**

**Aceito para publicação em: jan/2010**